

I COLOQUIO DE HISTORIA Y MEDIO FISICO

**O POÇO-CISTERNA, ALMOADA, DE SILVES
(ALGARVE, PORTUGAL)**

**Mario Valera Gomes
Rosa Valera Gomes**

**Instituto de Estudios Almerienses
Departamento de Historia
1989**

O POÇO-CISTERNA, ALMOADA, DE SILVES (ALGARVE, PORTUGAL)

Mario Varela Gomes
Rosa Varela Gomes

1. Introdução.

Deve-se á administração almoada (1156-1189, 1191-1240) a construção não só de significativas obras defensivas, como as fortes muralhas que cercam tanto alcáçova como a medina da cidade de Salves, com potentes torres, algumas alarras e portas características, mas de igual modo, outras importantes edificações onde avultam as obras hidráulicas. Nestas, devemos incluir a couraça, o grande aljibe e un profundo poço, denominado “cisterna dos caes” que servia as casas do interior do castelo, uma barragem no rio Arade, perto da cidade e com circuitos para irrigação, assim como o monumental poço-cisterna objecto deste trabalho.

A couraça, hoje irremediavelmente desaparecida, encontra-se descrita, no “De Itinere Navali”, por um dos cruzados que tomaram parte em 1189 na tomada da cidade, sob o comando de D. Sancho I e publicado, em 1840, nos “Memoriae” da Academia das Ciencias de Turim. Joao Baptista da Silva Lopes (1844) traduziu para português o texto que refere aquela conquista sob o título de “Relação da Derrota Naval, Façanhas, e Sucessos dos Cruzados que parti’rão do Escalda para a Terra Santa no Anno de 1189

(Escrita em Latim por Hum dos Mesmos Cruzados). Este texto diz, expresamente, “sobre o canal (que deriva do rio) ha quatro torres, de modo que por aqui se provesse sempre d’água em abastança a cidade superior, e tem esta fortificação nome de Coirasce (Coiraça)”. Aliás, só após os cuistaos se terem apoderado da couraça e impedirem o acesso á principal fonte de abastecimento de água, conseguiram tomar a cidade (Tarouca, 1952, 159).

Terao existido couraças, segundo Ricard (1954, 150, 153) em outras fortificações como Mértola, Montemor-o-Novo e Coimbra, sendo também assinaladas, em Espanha, nas grandes cidades como Toledo e Badajoz. Esta última teria, mesmo, duas linhas de couraças (Torres Balbás, 1941, 201). Em termos de atribuição cultural e cronológica Torres Balbás, (1970, 541) classifica estas obras como almoadas e dos finais do século XII, opinião que é, de certo modo, confirmada pelo testemunho, de 1189, do cruzado acima referido.

Do mesmo período da couraça, e da edificação das muralhas que hoje cercam tanto a alcáçova como a medina de Silves, deve ser o aljibe, grande cisterna existente na zona norte do do interior do Castelo e bem perto da torre celoquia que corresponderia á torre de menagem dos castelos cristãos (Bazzana, 1983, 27). Aquela construção, ainda hoje utilizada como reservatório para a água consumida em Silves, é um enorme espaço com 18.30 m. de comprimento, 14.52 m. de largura e com mais de 6.00 m. de altura, coberta por abóadas assentes em seis colunas centrais de secção quadrada. O acesso ao seu interior faz-se por uma escadaria que se desembolve adossada a uma das paredes. Ali eram recolhidas, por certo, as águas das chuvas caídas nos telhados e eirados das edificações vizinhas, assim como as tumbadas sobre a uma cobertura.

Encontra-se, de igual modo, no interior da alcáçova um profundo poco, a “cisterna dos caes”, oferecendo arcarias nas paredes e boca rectangular indicando ter suportado um dispositivo para a extracção de água do tipo das noras, ainda bem conhecidas por todo o Algarve. Nos entulhos retirados no século passado do interior

desta estrutura, fazem parte alguns alcatruzes, recolhidos ali por Estácio da Veiga (1889, 45) e hoje no Museu Nacional de Arqueologia e Etnologia. O aparelho com que foi construído é, pelo menos em parte, idêntico ao utilizado nas restantes obras almoadas da cidade.

579

Outros poços e pequenas cisternas, utilizadas para armazenar águas pluviais, existiam nos pátios de muitas das casas da Silves almoada, assim colmatando as necessidades diárias desse precioso líquido.

No Rio Arade, cerca de um quilómetro a montante de Silves, podem, ainda, observar-se os restos de uma pequena barragem, construída em aparelho regular de “grés vermelho de Silves”, ligado com massa de cal e areia (est. I). Desta barragem partia uma “levada” que alimentou um moinho, ainda em funcionamento no início do século, o “moinho da porta”, assim como diferentes dispositivos com circuitos destinados a regas.

2.- O poco-cisterna. Identificação e escavações.

Nos finais de 1979 fomos alartados, pelo Snr. José Luís Cabrita, da existência de uma antiga galeria aberta no subsolo da adega que constituía o piso térreo de um prédio, dos finais do século XIX, situado na Rua da Porta de Loulé, em Silves. Este havia sido, recentemente, adquirido pela Câmara Municipal com a intenção de ali instalar um refeitório para o seu pessoal. De facto, verificámos naquela data e na companhia de Caetano de Mello Beirao, a grande antiguidade da construção e a necessidade de ali se procederem a escavações arqueológicas, tendo em vista o seu completo reconhecimento e a sua caracterização cronológica e funcional.

Com o apoio da Câmara Municipal de Silves, de que era então presidente o Dr. Rui Morais, e da sua vereadora do pelouro da cultura, a Sr^a D. Josefa Cabrita, iniciámos os trabalhos de escavação. Nestes também colaboraram os arqueólogos Caetano Beirao e José Luís de Matos, tal como funcionários camarários, estudantes e alguns voluntários que assim mostraram o seu grande

interesse pelo passado da cidade.

Cedo constatámos, que o troço da galeria, ao qual se descia por uma estreita abertura resgada no piso da adega e que servia de esconderijo aos seus proprietários, se desenvolvia em degraus tanto no sentido ascendente como descendente. Logo nos primeiros dias de trabalho licalizámos duas janelas que abriam para um amplo espaço interior que depois, a partir da escavação do solo da adega, identificámos como um grande poço (Fig. 2, est. II). Estava, assim, descoberto o poço-cisterna, cuja tipologia constructiva, e os dados arqueológicos disponíveis, nos permitiram classificar, posteriormente, como uma notável obra almoada, da segunda metade do século XII.

Sucessivas campanhas de escavações, inteiramente subsidiadas pela Câmara Municipal de Silves e contando como apoio dos seus presidentes, José Francisco Viseu e José Correia Viola, têm posto a descoberto este importante monumento que concluímos ter sido entulhado nos finais do século XVI.

O poço-cisterna foi implantado bem próximo da denominada Porta da Almedina ou Porta de Loulé, na rua com este último nome, e encontra-se adossado ao interior da muralha que cercava o tecido urbano da cidade medieval.

Esta primeira intervenção arqueológica em Silves estendeu-se, ainda, á escavação da área envolvente da base de uma torre albarra, igualmente do período almoada, adjacente á muralha que cerca a medina e do lado oposto onde foi construído o poço-cisterna que conforme demonstraremos, foi a ela associada.

3. A arquitectura

A edificação de que nos propoemos tratar foi construída com aparelho, cuidado e regular, de arenito da regiao, conhecido como "grés vermelho de Silves", ligado com terra. E constituído por um grande poço com secção circular, medindo 2.45 m de diâmetro interno na boca, e com mais de 16 m. de altura (Fig. 3).

A sua escavação nao atingiu, ainda, o fundo e a parede que delimita o poço tem 1.50 m. de espessura na base e 0.90 m. no topo.

O espaço central é rodeado, até aos 13 m. de profundidade, por uma galeria, em forma de espiral irregular e em escada. Esta mede 1.20 m de largura, 2,60 m. de altura média, é coberta por abóbadas de tramos segmentados e de perfil semicircular e termina numa porta que abre para o poço. Três janelas, também com abóbadas de perfil semicircular, fazem a ligação entre a galeria e o poço, permitindo o acesso á água, consoante os diferentes níveis de enchimento, e o seu melhor arejamento.

581

A primeira janela, a ,maior, quase que se sotia frente á terceira e a meio do primeiro lance de escadas, e a segunda ocupa o espaço intermédio, abrindo-se no primeiro terço do segundo lance da escadaria(Fig. 4). Este é coberto por tres tramos de abóbadas que acompanham a descida. No terceiro lance existe a terceira janela, a mais comprida, e a escadaria passa a inflectir para o interior do poço onde termina(Fig. 5).

Os bloncos utilizados no aparelho desta edificação, talhados em "grés de Silves" como já referimos, apresentam medidas nem sempre regulares, mas onde encontramos elementos com aproximadamente 0.45 m de comprimento, ou seja um "codo" (Bermejo, 1976, 342).

No ponto de arranque das abóbadas a cerca de 2.00 m. do piso, reconhece-se uma fiada de blocos estreitos, um pouco salientes.

Tanto as abóbadas que cobrem a escadaria, como os arcos das janelas e da porta que dao acesso ao interior do poço estão construídas com blocos em forma de cunha(est. III e IV). Toda a construção parece ter sido rebocada com argamassa de cal e areia, sendo depois estucada e caiada. Esta obra foi, em parte, escavada no substrato rochoso, constituído por calcários e margas, do complexo margo-carbonatado de Silves, datado do Hetangiano-triásico superior, e é servida por um nível friático que faz reestabelecer a altura

das águas á cota dos 14 m, contados a partir da sua boca. A sua edificação destruiu outras estruturas defensivas anteriores à muralha almoada, as mais recuadas aparentemente do início do período omíada. A escavação da sua área envolvente e, sobretudo, dazona que medeia entre a boca do poço e a muralha almoada ofereceu materiais tardo-romanos, ou visigótico -bizantinos, onde se inclui um fragmento de terra sigillata clara D estampada, reconhecendo-se os restos de um motivo zoomórfico, conforme adiante referiremos.

E, contudo, interessante mencionarmos que a muralha almoada, á qual o poço se adossa interiormente, oferece naquela zona maior espessura, certamente para melhor suportar as tensões por ele provocadas, constituindo um sistema estático em que também se inclui a torre avançada, ou albarra, já referida. Esta, era ligada á muralha por uma passagem sobre um arco, recebendo, assim, a descarga dos esforços existentes como se tratasse de um sistema do tipo arco botante.

As três estruturas, erguidas sem dúvida num mesmo momento, funcionariam como um todo coeso, tanto em termos construtivos como arquitectónicos e, até, estratégicos(Fig. 6).

Não detectámos restos de qualquer estrutura par extracção da água do interior desta construção.

4. Cronologia e integração cultural.

O monumento que descrevemos não é mencionado no *livro do almoxarifado de Silves* (Moreno, Leal e Domingues, 1984), elaborado no século XV, embora, como assinalámos tenha sido entulhado, apenas, nos finais do século XVI e esteja implantado numa zona á época pertença da Coroa. De facto naquele documento são descritas várias propriedades da Rua da Porta de Loulé, adossadas ao interior da muralha, que eram, sobretudo, habitadas por judeus ou cristãos novos, e que conduzia, ainda segundo o texto, á judiaria da cidade. No entanto, na *Historia do Reino do Algarve*, escrita por Henrique Fernandes Sarrao, em 1609 (Guerreiro e Magalhães, 1983, 153), mencionada uma “mina, que tem a boca em

na torre de muro da cerca da cidade, junto da porta dela, que vai ao rio por baixo do chao, e sai no pego de mafoma, chamado assim porque (segundo se consta) nele se afogou o rei dessa cidade, que tinha esse nome, quando os cristãos a tomaram. Leva a mina, no solo, na calçada até dar naquele pego, e na entrada tem um portal de pedraria, e por esta mina iam os Mouros buscar água ao rio, para seu serviço”.

Registam-se neste texto aspectos já lendários, que a lógica e os dados históricos desmentem, como a morte de Ibn-al-Mahfut, o último governador muçulmano de Silves (1240), que, de facto, não morreu junto ao Arade. Contudo, as referências à calçada e ao portal de pedra da entrada, assim como a que respeita à sua localização, ajustam-se às do poço-cisterna. Igualmente, a função da construção, que era a de abastecer água a parte da cidade, é confirmada, restando em aberto se esta era, apenas, a recolhida nos eirados, e telhados vizinhos, como a provinda da nascente ou do nível friático ali existente, ou se haveria algum complexo sistema, através da couraça, que não sabemos onde se erguia que enchesse o enorme poço-cisterna e guardasse o líquido tão necessário nos períodos de prolongada estiagem. A água armazenada serviria não só para a alimentação e para a higiene quotidiana, dos habitantes desta zona da cidade, como poderia abastecer os banhos públicos, ou hammam, que o “Livro do Almoxarifado” ainda recordar, ali bem perto, com a denominação de “chaos que em outro tempo foram banhos” (Moreno, Leal e Domingues, 1984, 13, 30).

Não conhecemos paralelos, tanto em Portugal como na Espanha muçulmana para esta obra. O tipo de aparelho nela empregue e o facto de ter sido construída contemporaneamente com a muralha e a torre albarra que lhe ficam próximas, permite datá-la do primeiro período da dominação almoadá de Silves (1156-1189).

A sua construção terá destruído os testemunhos de três dispositivos defensivos anteriores à muralha almoadá, estruturas de habitações, pavimentos e silos, de que, ainda, se encontraram alguns restos.

Os segmentos de muralhas descobertos, sobrepunham-se ou adossavam-se, sucesivamente e apresentavam o mesmo desenvolvimento da muralha almoada que, de igual modo, se encostava á face exterior de uma outra mais antiga (almorávida).

Bem próximo ao poço-cisterna, e a uma cota mais baixa que a sua boca, descobrimos restos da mais antiga muralha, por ora, detectada em Silves. Oferecia, apenas, 1 m. de espessura e atingia 0,70 m de altura, sendo formada por pequenos blocos irregulares, de arenito vermelho, argamassados com terra. Sob esta construção (camada 4) recolhemos algumas peças arqueológicas, sobretudo cerâmicas, capazes de nos oferecerem importantes contributos para a sua atribuição cronológica e cultural. Tratam-se de fragmentos de terra sigillata clara, do tipo D (um deles, pertencente a uma pátera, é decorado por estampilhagem, reconhecendo-se a perna de um cordeiro), cerâmicas fabricadas com pastas, bem depuradas. cor-de-laranja (bule, de fundo plano, paredes canaladas e bordo biselado, e fragmento de grande taca com bordo oblíquo), assim como cerâmicas produzidas com pastas mal depuradas, contendo elementos não plásticos de grão médio a grosseiro, de cor vermelha, ou costanha, com manchas cinzentas (oenochoe com bordo trilobulado, fragmentos de panelas e de potes, com bordos biselados, frigideira de paredes altas, fragmento de ânfora com bordo em bisel e ingobe espesso de cor bege).

Os materiais mencionadas sustentam paralelos que, dada a ausência de cronologias absolutas, permitem datar os inícios da ocupação deste local, assim como delimitar a base da sua sucessão estratigráfica, pois esta camada assentava no substrato e sobre ela foi construída a primeira muralha, sendo, portanto, posterior.

A classificação dos materiais atrás referidos foi já feita em outro trabalho (Gomes e Gomes, 1989) tendo sido possível integrá-los na trama cultural constituída pelo fundo cultural hispânico ou tardo-romano a que se somaram as contribuições visigóticas e bizantinas, dos séculos VI-VII.

No estrato posterior (camada 3B) que ofereceu os materiais acabados de referir, correspondente ao nível de ocupação coevo da primeira estrutura defensiva de local, exumámos fragmentos de cantaros, de púcaros com duas carenas e duas asas opostas, e de frigideiras. Estas peças são, no seu conjunto, muito semelhantes às descobertas na camada 8 do Castelo de Silves e que foram datadas pelo 14 c em meados do século VIII (670-890 D.C., Ly-4167) (Gomes, 1988, 100).

A inserção estratigráfica da estrutura que temos vindo a referir indica-nos, pois, que a sua construção se pode situar logo na primeira metade do século VIII, sendo posterior à camada com materiais dos séculos VI-VII, e utilizada durante os séculos VIII e IX conforme indicam os materiais do estrato correspondente à ocupação do espaço por ela definido e que poderia integrar um sistema defensivo singular, do tipo dos albacares onde, em caso de perigo, as populações dos arredores da cidade se pudessem refugiar.

A agudização dos problemas político-religiosos, que, posteriormente, darão origem ao Califato, podem estar na origem do reforço da estrutura defensiva já existente e à qual foi adossada, e sobreposta, uma nova muralha. Esta assentava no estrato atrás referido (camada 3 b) e ofereceu uma largura média de 1.10 m. dimensão que somada à largura da muralha anterior totaliza 2.00 m. Era constituída por fiadas de blocos irregulares, argamassados com terra contendo elementos de maior dimensão que os da estrutura a que foi sobreposta.

A segunda estrutura defensiva detectada integrava, ainda, o estrato contendo materiais do período pré-califal (camada 3 b) e é provável que tenha sido em parte destruída depois de 929. Neste ano Xelb foi incluída no califato de Abd Al-Rahmān III, e, segundo Lévi-Provençal (1976, 275) e Torres Balbás (1952, 413), este governante, a partir de 925, amndou derrubar várias muralhas de cidades do Sul da Península, nomeadamente a de Sevilha, receando as muito frequentes insurreições locais. Silves era, na altura, uma opulenta cidade com perfeita autonomia económica e, possivelmente, espiritual. A sua localização, distante de Córdoba, ajudava a

constituir um potencial perigo contra o poder central, sendo provável que, por isso, também, ficado sem as suas muralhas. A fortificação cujos restos descobrimos, e temos vindo a tratar, pode ter sido construída no século IX ou nos primeros anos de século X. Ao mesmo nível de ocupação pertence um silo que continha, entre outros artefactos, fragmentos de púcaros com duas carenas e duas asas opostas, assim como dios púcaros com uma só asa, materiais cujo contexto foi datado, pelo 14 C, em 1140+45 B.P. depois de calibrada, através da curva Stuiver e Pearson, 891 cal. D.C. (ICEN 202).

Sobre aquela ocupação desenvolvia-se outra (camada 3a) contendo cerâmicas, esmaltadas e polícromas, comumente denominadas de "tipo de Medinat-az-Zahra".

Na zona imediatamente próxima ao poço-cisterna já não encontrámos os restos de uma terceira muralha que, no estanto, se desenvolvia na área de um pátio anexo também escavado.

Aquela estrutura, possivelmente almorávida, assentava sobre as duas muralhas antes referidas e era constituída por fiadas, alternadas, de pequenos blocos de "grés vermelho", estreitos e largos, argamassados com terra. Obsevámos que era posterior ao nível que continha cerâmicas califais a a camada contemporânea da sua ocupação ofereceu materiais de várias épocas, sendo os mais recentes de período almoadado. Estes, correspondiam a entulhos e a uma forte presença humana no local. Aliás, as sondagens que fizemos em torno do poço-cisterna ofereceram, sobretudo, materiais daquele último período. A cerca de 5 m a nascente do poço-cisterna ofereceram, sobretudo, materiais daquele último período. A cerca de 5 m a nascente do poço-cisterna estruturas habitacionais almoadas e, no lado oposto, tras si los que ainda nos ofereceram materiais daquele período.

Sob o patamar que dá acesso á escadaria do poço-cisterna recolhemos (Gomes e Gomes, 1986, 132, 133) dois frgmentos da parede de uma vasilha) (SILV. 1-118, 119), fabricada com pasta de cor bege (2.5 y 7/2), homogénea e compacta, contendo elementos nao plásticos, quartzíticos e micáceos de grao fino, com a superfície exterior esmaltada, de cor verde esmeralda na metade

superior, e apenas engobada, de cor bege (2.5 y 8/2), na restante (fig. 7)

A área superior foi decorada por um traço ondulado, inciso, e por uma faixa decorada, por estampilhagem, com teoria de quadrados, com os lados em relevo e unidos pelos vértices. Abaixo desta faixa encontra-se uma outra não decorada, limitada por um cordão em relevo, e ainda coberta por esmalte.

587

Na superfície não-esmaltada reconhece-se uma banda impressa com matriz de forma rectangular. Estas estampilhas inscrevem-se entre dois cordões horizontais, um pouco salientes, e sobrepoem-se, em parte, a estes.

Os cordões estão decorados por traços oblíquos, finos e curtos, possivelmente realizadas com rolete. A matriz das impressões é constituída por quatro quadrados, com os lados e um ponto central em relevo, unidos pelos vértices.

Descobrimos, também, dois outros fragmentos de cerâmicas estampilhadas nos interstícios dos degraus da escadaria que envolve o poço, ao que julgamos ali utilizados quando da sua construção (Gomes e Gomes, 1986, 133-136) (fig. 7).

Um dos fragmentos pertence a uma grande vasilha ou talha, (SIL.1-121) fabricada com pasta de cor bege amarelada (5 y 83/3), pouco homogênea mas compacta, contendo elementos não plásticos, quartzíticos e micáceos de grão grosseiro. A superfície exterior oferece esmalte, de cor verde esmeralda, e os restos de uma faixa estampilhada inscrita numa cartela. A decoração, realizada pela impressão de uma matriz, mostra uma mão estilizada e os restos de outra, colocadas, a par, na vertical.

Outro fragmento, com porção do bordo pertencia a um queimador (SILV. 1-128) de essências e perfumes sólidos, de forma hexagonal e que teria 0.40m. de diâmetro. Foi fabricado com pasta de cor castanha alaranjada (2.5YR6/6), com núcleo mais escuro (7.5YR6/6), pouco homogênea mas compacta, contendo elementos não plásticos, quartzíticos e micáceos. de grão médio a grosseiro.

A parede mede 0.022 m. de espessura máxima sendo as superfícies, interna e superior, bem afagadas, decoradas com

impressões, e apresentando esmalte espesso de cor verde esmeralda. A superfície externa é mal regularizada mostra engobe denso de cor bege amarelada (2.5 y 8/4).

O fragmento contém cerca de metade da parede de um dos seis lados da peça. Apresenta bordo plano com mais de 0.025 m. de largura e nele se reconhecem restos de um arco, aberto na superfície da parede interior e, na exterior, três impressões que constituem uma teoria de arcos, polilobulados, completados por traços incisos, verticais e profundos. Sobre os arcos observa-se, ainda, impressões que parecem representar uma corda, ou entaçado, ajundando a reproduzir um motivo arquitectural muito carecterístico da decoração da cerâmica almoada.

Sobre o bordo os restos de tres impressões fugurando aparentemente, motivos leteriformes.

Os três fragmentos descritos, decorados por estampilhagem, devem pertencer ao período almoada, conforme um de nós (R.V.G.) pôde demonstrar em relação a peças semelhantes provindas das escavações realizadas na alcáçova de Silves (Gomes, 1988, 176<9.

As cerâmicas estampilhadas com os carecterísticos arcos polilobulados, reproduzindo aspectos arquitectónicos, sao conhecidas a partir dos séculos XI-XII na Qala'a dos Banu Hammad, de onde provém uma matriz com aquele motivo e que é muito semelhante a outras de Jerez de La Frontera e do Museu de Huelva (Maldonado, 1981, 37, 40, fig. 17-C) em talhas, classificadas como almoadas, de Cordova e de Sevilha (Jener, 1948-49, 225 est. LXXXIV-4, Fernández e Porres, 1982, 467, dig. 4- 1, 2, 3, 4,) Un fragmento do bocal de um poço decorado com estampilhas representando motivos arquitectónicos e entrancados, foi datado em Belyounehc, perto de Ceuta, dos finais do século XII (Caedena, 1980, 243-246.

Sao muitas as representações, estampilhadas, de arcos polilobulados, associados a linhas incisas de modo a sugerirem arcarias como oferece o fragmento do poço-cisterna, tal como se observa uma talha de Ceuta e em outras do Museu de Córdoba, a

primeira datada já do século XIV (Sotelo, 1980, est. XL) e as outras como sendo almoadas (Jener, 1948-49, 225, fig. 89, nº 7417). Uma estampilha do Castelo de Silves (Gomes, 1988, 243) de tipo arquitectónico e com arco polilobulado, assemelha-se a um exemplar da área urbana de Lorca, datado do século XIII, que oferece, apenas, cinco lóbulos e um motivo geométrico no interior (Palazon, 1986, 126, fig. 270).

Podemos reconhecer arcos polilobulados, com um número ímpar de divisões, como o representado na peça do poço-cisterna de Silves que temos vindo a tratar ou em cerâmicas provenientes da sua alcáçova (Gomes, 1988, 142), no mihrab da Mesquita Maior de Almería, datado por Ewert (1971, 401, fig. 10), como sendo uma construção almoada. Da mesma época, com a mesma estrutura e embora só com cinco lóbulos, são os arcos do mihrab da Mesquita de Mértola. Os arcos de mihrab do mosteiro de Bou Jeloud, em Fez, fundado por Abu Yusuf Ya'qub al-Mansur, também almoadas, oferecem onze lóbulos (Terrasse, 1964, 357, fig. 4) e permitem não só datar este tipo de estampilhas como restrear a relação entre a iconografia arquitectónica e a utilizada na cerâmica.

Motivo recorrente que encontramos na decoração estampilhada das grandes vasilhas, almoadas e mudéjares, é a "mao de Fátima", isolada, ladeada por motivos fitomórficos ou integrada em espaços de recorte arquitectural como em talhas do Museu de Sevilha (Fernández e Porres, 1982, fig. 3-6, 7) ou do Museu de Toledo (Escudero, 1943, 148, fig. 17-4). Em Lorca está representado em peças recolhidas na praça Cardenal Belluga, um delas esmaltadas de cor verde, e em bordos de vasilhas, ornadas com esgrafitos sobre engobe negro, datadas de século XIII (Palazon, 1986, 15, 121, 297, 314, fig. 33, 259, 635, 663).

A "mao de Fátima", o único motivo de carácter antropomórfico conhecido na decoração estampilhada, assumia, nas grandes talhas onde era impresso, valor profilático, protegendo não só a própria água ali armazenada como os habitantes da casa em que aqueles recipientes eram colocados. Os cinco dedos estendidos

recordavam, aos fiéis, os cinco funfamentos do Islão e os tres dedos maiores a grafia do nome Allah, que, inidos pela mao, representariam a presença do poder divino e assumiam a categoria de verdadeira hierofania.

Outro dos temas identificados, de larga sobrevivencia mas a que se deve o seu uso na forma estampilhada aos almoadas,, é a teoria de losangos geminados, por vezes preenchendo bandas muito largas.

Uma talha com esta decoração faz parte das colecções do Museu de Sevilha e o fragmento de outra, descoberta na alcáçova de Almería, foi datada do período almoada-nazarí (Fernández e Porres, 1982, 466). Um fragmento, com decoração identica, que acompanhava outras cerâmicas estampilhadas, almoadas, provém de Qsar es-Seghir (Redman, 1980, 257, fig. 3).

Para além dos dados, já referidos, oferecidos pela evidencia arqueológica, a articulação do poço-cisterna com um importante troco da muralha que cerca a medina e com a torre albarra ali existente permite cofirmar a sua datação.

As torres albarras, que facilitam uma melhor defesa dos panos de muralha, constituem um índice, cronológico a reter pois sao, segundo H. Terrasse (1954, 24 e Torres Balbás (1942, 219, uma inovação almoada. Estas terao sido utilizadas, pela primeira vez, na alcáçiva de Badajoz, construída entre 1169 e 1170, e, também, na medina de Cáceres em data próxima daquela.

Ambas as fortificacoes foram mandadas erguer pelo califa, almoada, Abu Ya'qub Yusuf que reinou de 1163 a 1184. Posteriormente, utilizaram-se torres albarras nas alcáçovas de Mérida, Talavera de la Reina, Caracuel e em Escalona (Ruibal, 1983, 409, Terrasse, 1954, 24, Torres Balbás, 1941, 178, 198, 1948, 463). Recordemos que o relato do cruzado menciona a existencia, em Silves no mar de 1189, tanto da couraça como de torres albarras.

Um outro interessante contributo para o esclarecimento deste problema é o relato de Ibn Idari al-Marrakuxi, na Crónica Bayan Al-Mugrib, de que o famoso general almoada Ibn

Timselit, ao dirigir a reconstrução das muralhas de Beja, em 1174 e depois da saída dos portugueses em 1173 após uma efémera conquista feita por Giraldo Sem Pavor, recorreu, por duas vezes, a Silves, onde foi recrutar operários especializados e ferreamentas. Este facto parece demonstrar que, naquela altura, ali se procedia ou tinham há pouco sido executados grandes obras militares, certamente erguendo ou reforçando muralhas, e talvez construindo as torres albarra e o poço-cisterna objecto deste estudo, perante a crescente pressão do avanço cristão (Domingues, 1981, 19, Gomes, 1988, 28).

591

Em termos de referências arquitectónicas existe, em Tuna al Gabal, a sul do Cairo, um possível protótipo romano para o monumento de Silves. Aquele foi construído em tijolo e integra um bem complexo conjunto de obras hidraulicas (Schioler, 1973, 141-145). Ressalta, como principal paralelo entre os dois monumentos, a galeria, com escada abobadada, e em espiral, comunicando, por janelas com o interior do poço.

No exemplar egípcio a escadaria conduz até 14 m de profundidade não atingindo, tal como no de Silves, o fundo.

E bem possível que Ibn Timselit tenha, ainda, sido o arquitecto responsável pela reestruturação dos dispositivos defensivos de Silves nomeadamente do poço-cisterna, depois de observar o monumento egípcio congénere.

Para além da notável solução estática que o poço-cisterna, a muralha e a torre albarra próximas documentam, esta obra denota a importância da água tanto nos períodos de paz como durante os longos cercos que se previam, inscrevendo-se, assim, mas preocupações de índole social, com reflexo no equipamento urbano, e nas estratégias defensivas da época.

BIBLIOGRAFIA

- 592 Bazzana, A., 1983, "Tipologie" Les Habitats Fortifiés du Sharq Al-Andalus, Habitats Fortifiés et Organisation de l'Espace en Méditerranée Médiévale, Ed. Maison de l'Orient, pp. 19-27, Lyon.
- Bermejo, J.V., 1976, El Codo en la España Musulmana, Al Andalus, vol. XLI, pp. 339-354.
- Cardenal, M.G. 1980, Recherches sur la céramique médiévale marocaine, La Céramique Médiévale en Méditerranée Occidentale, X-XV Siècles, Valbonne 1978, Ed. CNRS, pp- 227-249, Paris.
- Domingues, J.D.G., 1981, Muralhas e Torres da Almedina de Silves, Texto policopiado, 21 pp., Silves.
- Escudero, M.L.H., 1943, Las tinajas mudéjares del Museo de Toledo. Intento de sistematización, Memorias de los Museos Arqueológicos Provinciales, vol. IV, pp. 146-155, ests. XL-XLIV.
- Ewert, C., 1971, El Mihrab de la Mezquita Mayor de Almería, Al-Andalus, vol. XXXVI, pp. 391-460.
- Fernández, J.A.S. e Porres, M.G.L.V., 1982, Tinajas Mudéjares del Museo Arqueológico de Sevilla: Tipología y Decoración, En Homenaje a Conchita Fernandez Chicarro, pp- 457-470, Madrid.
- Gomes, M.V., e Gomes, R.V. 1989, Dispositivos defensivos de Solves (Algarve, Portugal), Actas del III Congreso Nacional de Arqueologia Medieval, Oviedo 1989 (no prelo).
- Gomes, R.V., 1988, Cerâmicas Muçulmanas do Csterlo de Silves, Xelb, vol. 1, 294 pp.
- Gomes, R.V., e Gomes, M.V., 1986, Cerâmicas Estampilhadas Muçulmanas e Mudéjares do Poço-Cisterna de Silves, I Encontro Nacional de Arqueologia Urbana (Setúbal 1985), Trabalhos de Arqueologia, nº 3, pp. 127-141, Lisboa.

Guerreiro, M.V., e Magalhaes J.R., 1983, Duas Descrições de Algarve do Século XVI, Col. Cadernos da Revista de História Económica e Social, 3, Sá da Costa Editora, 182 pp., Lisboa.

Lévi-Provencal, E., 1976, España Musulmana Hasta la Caída del Califato de Córdoba (711-1031 de J.C.) História de España, tomo IV, Ed. Espasa-Calpe S.A., 523 pp., 358 figs, Madrid.

Lopes, J.B. da S., 1844, Relação da Derrota Naval, Facanhas, e Sucesos dos Cruzados que Parti'rao do Escalda para a Terra Santa no Anno de 1189 (Escrita em Latim por Hum dos Mesmos Cruzados). Traduzida e anotada pelo autor), Typographia da Academia Real das Sciencias de Lisboa, 108 pp- Lisboa.

Moreno, H.B., Leal, M.J.S., e Domingues, J.D.G., 1984, Livro do Almojarifado de Silves, Século XV, Ed. Câmara Municipal de Silves, 151 pp., Silves.

Palazon, J.N., 1986 La Cerámica Islámica en Murcia, Ed. Centro Municipal de Arqueología y Ayuntamiento de Murcia, 335 pp., 707 figs, Múrcia.

Ruibal, A., 1983, Estudio Histórico-Arqueológico del Castillo de Caracul, Al-Qantara, vol. IV, pp. 385-409.

Sotelo, .E.A.F., 1980, Sala Municipal de Arqueologia-Ceuta, Guia-Catálogo, 147 pp., LXXVII estas 36 figs., 2 desdobráveis, Ceuta. Terrasse, H., 1954, Les Forteresses de l'Espagne Musulmane, ed. Maeste, 35 pp., 8 figs., Madrid.
1964, La Mosquée Almohade de Bou Jeloud á Fés, Al-Andalus, vol. XXIX, pp. 355-363.

Tarauca, C. da S., 1952, Crónica dos Sete Primeiros Reis de Portugal, vol. I, Ed. Academia Portuguesa da História, 291 pp., 4 est, Lisboa.

Torres Balbás, L., 1941, La Alcazaba Almohade de Badajoz, Al-Andalus, vol. VI, pp. 168-203.

1942, Las Torres Albarranas, Al-Andalus, vol. II, pp. 216-220.

1948, Cáceres y su Cerca Almohade, Al-Andalus, vol. XIII, pp. 446-472.

1952, Nuevas Perspectivas sobre el Arte de Al-Andalus Bajo el Dominio Almorávide, Al-Andalus, vol. XVII, pp. 402-433.

1970, Ciudades Hispano-Musulmanas, tomo II, Ed. Instituto Hispano-Arabe de Cultura, pp. 43-688, Madrid.

594 Redman, C.L., 1980, Late medieval ceramics from Qsar es-Seghir, La Céramique Médiévale en Méditerranée Occidentale, Xe - XVe siècles, Valbonne 1978, Ed. CNRS, pp. 251-263, Paris.

Ricard, R., 1954, Couraça et Coracha, Al-Andalus, vol. XIX, pp. 149-172.

Schioler, T., 1973, Roman and Islamic Water-lifting Wheels, Odense University Press, 201 pp., 144 figs, 9 ests, Odense.

Veiga, S.P.M.E. da, 1889, Antiguidades Monumentaes do Algarve, vol. III, Imprensa Nacional, 394 pp., XVII ests, Lisboa.

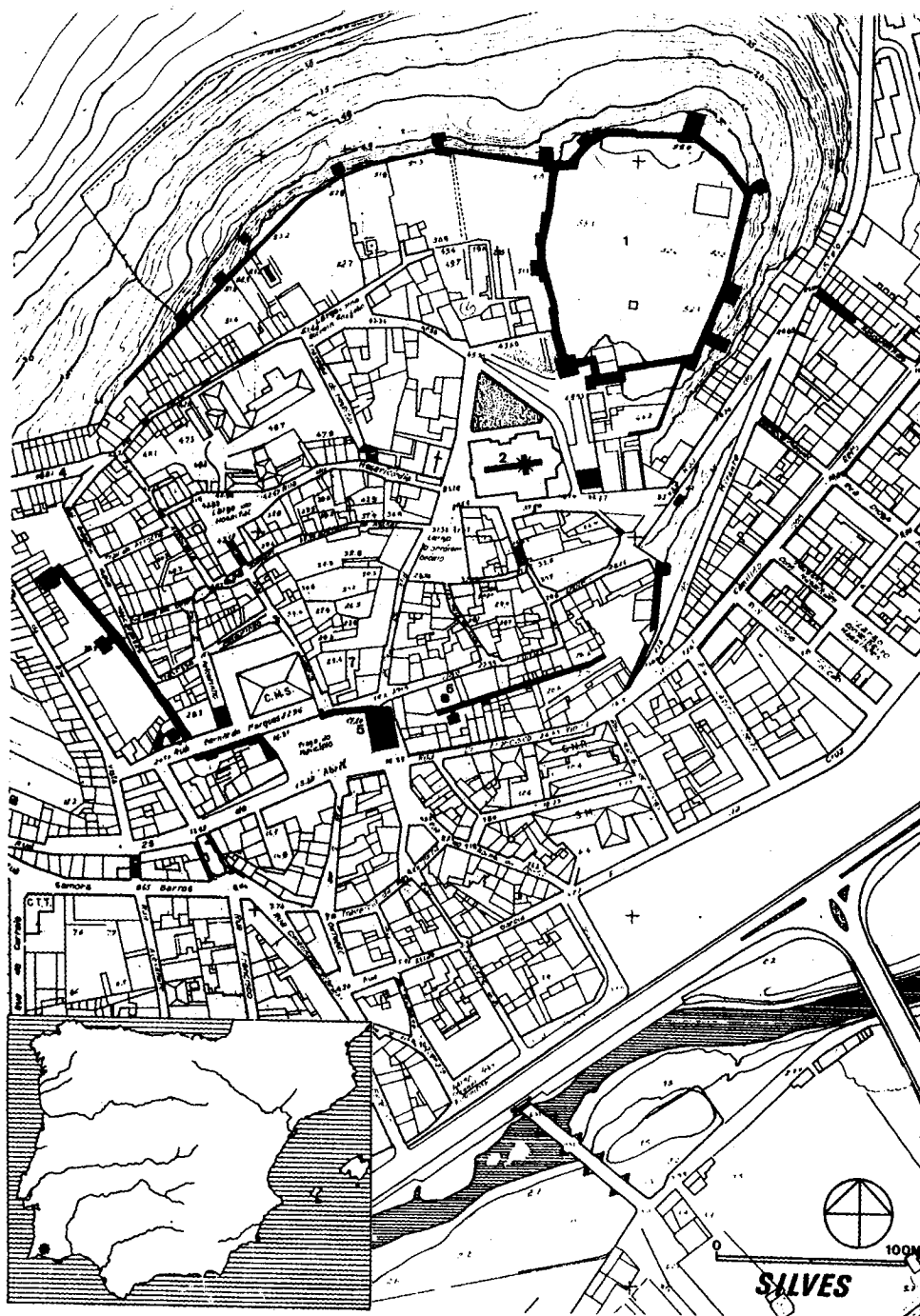
ILUSTRACAO FIGURAS

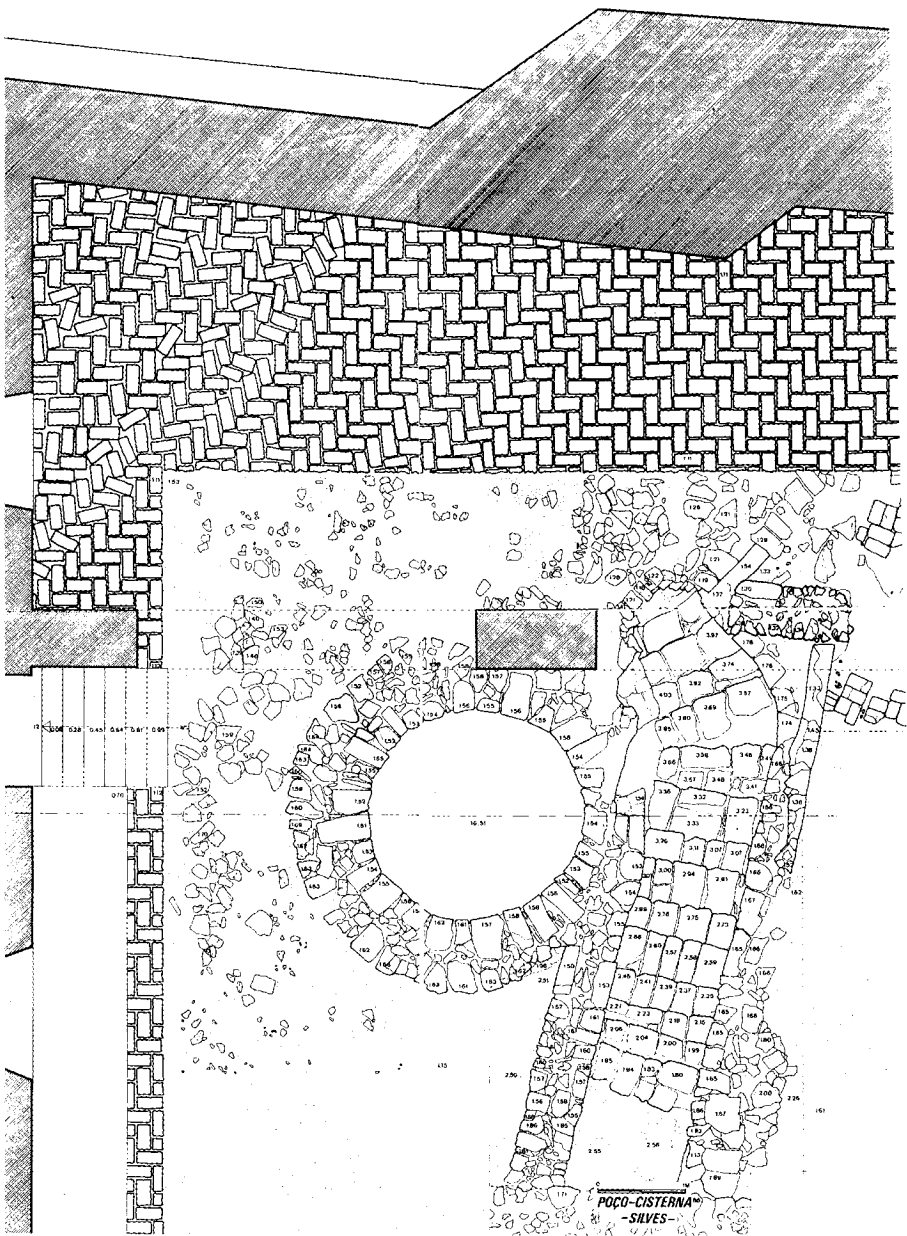
- Fig. 1 - Localização e planta da cidade de Silves. 1 -Castelo, 2-Sé,
3-Porta do Sol, 4-Porta da Azóia, 5-Porta de Loulé, 6-Poco- cisterna.
Fig. 2 - Poço-cisterna. Planta ao nível da boca.
Fig. 3 - Poço-cisterna. Planta da galeria envolvente.
fig. 4 - Poço-cisterna. Corte do primeiro e segundo lances da galeria
Fig. 5 - Poço-cisterna. Corte do terceiro lance da galeria.
Fig. 7- Poço-cisterna. Cerâmicas recolhidas sob o patamar da entrada
(SILV. 1-118, 119) e nas estruturas da galeria (SILV.1-121, 128).
Fig. 6 - Poço-cisterna, muralha e torre albarra. Planta e corte.

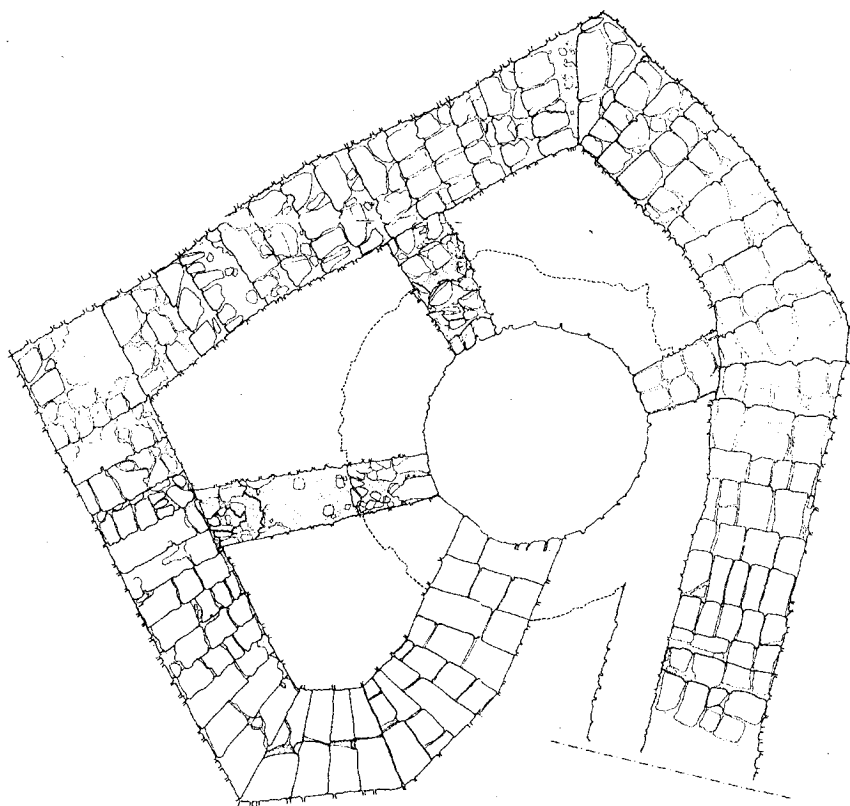
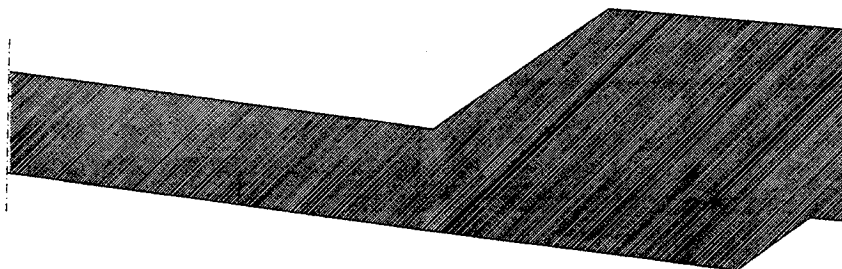
595

ESTAMPAS

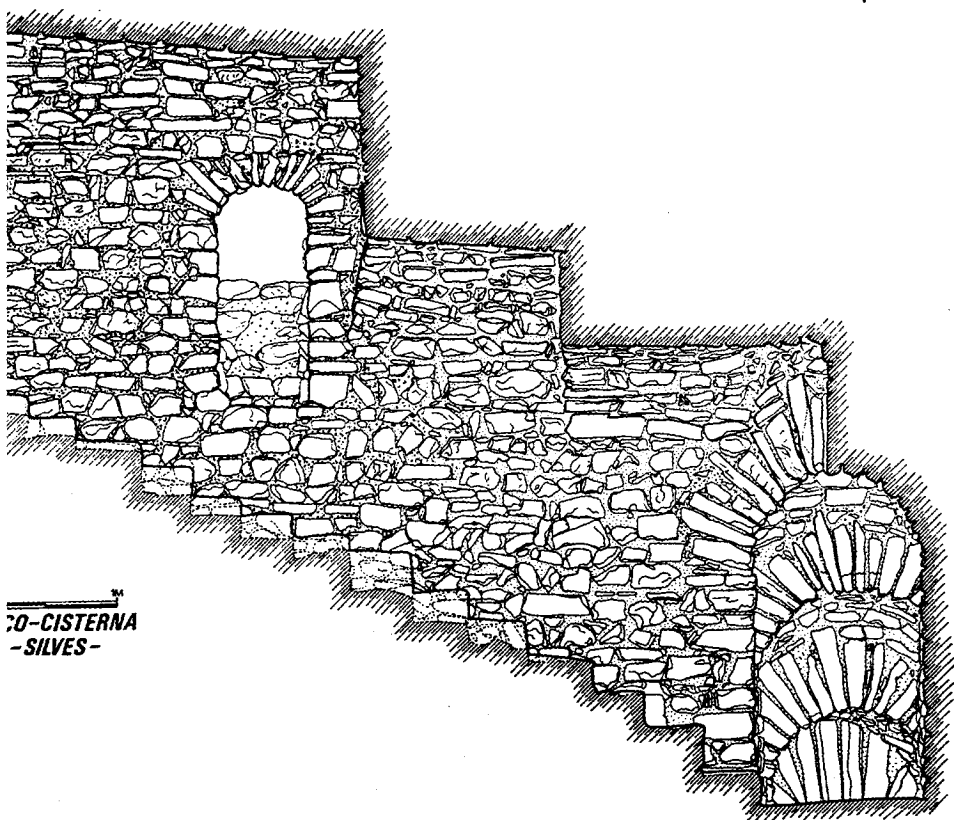
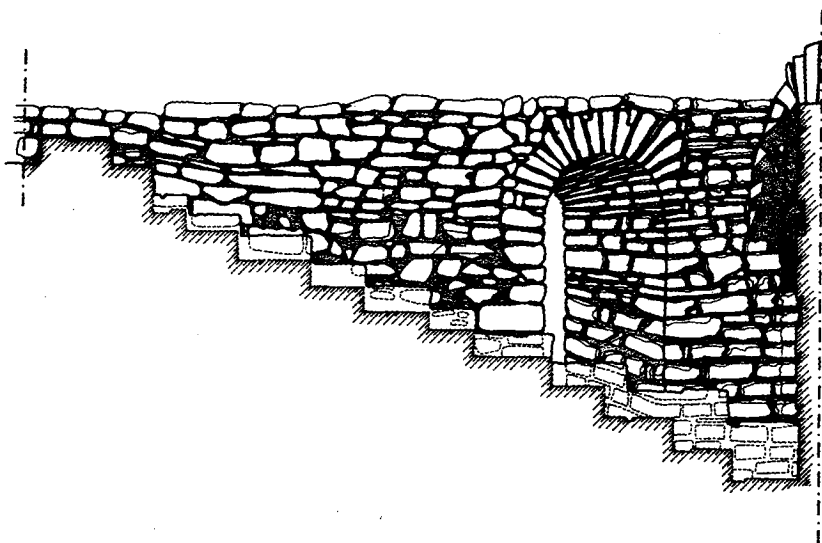
- Est. I-A - Barragem no rio Arade (RIV/88-6).
B - Barragem no rio Arade. Pormenor do aparelho (RIV/88-3).
Est. II- A- Poço-cisterna. Vista de Sul (RV/88-24).
B- Poço-cisterna. Vista de SE (RV/88-10).
Est. III-A- Poço-cisterna. Aspecto do aparelho das abóbadas (RVII/79-33).
B- Poço-cisterna. Aspecto do aparelho da segunda janela (RVII/79/36).
Est. IV-A- Poço-cisterna. Abóbadas do segundo lance da galeria (-
rx/79-31
B- Poço-cisterna. Ligação do segundo com o terceiro lance da galeria
(RX/79-30)..



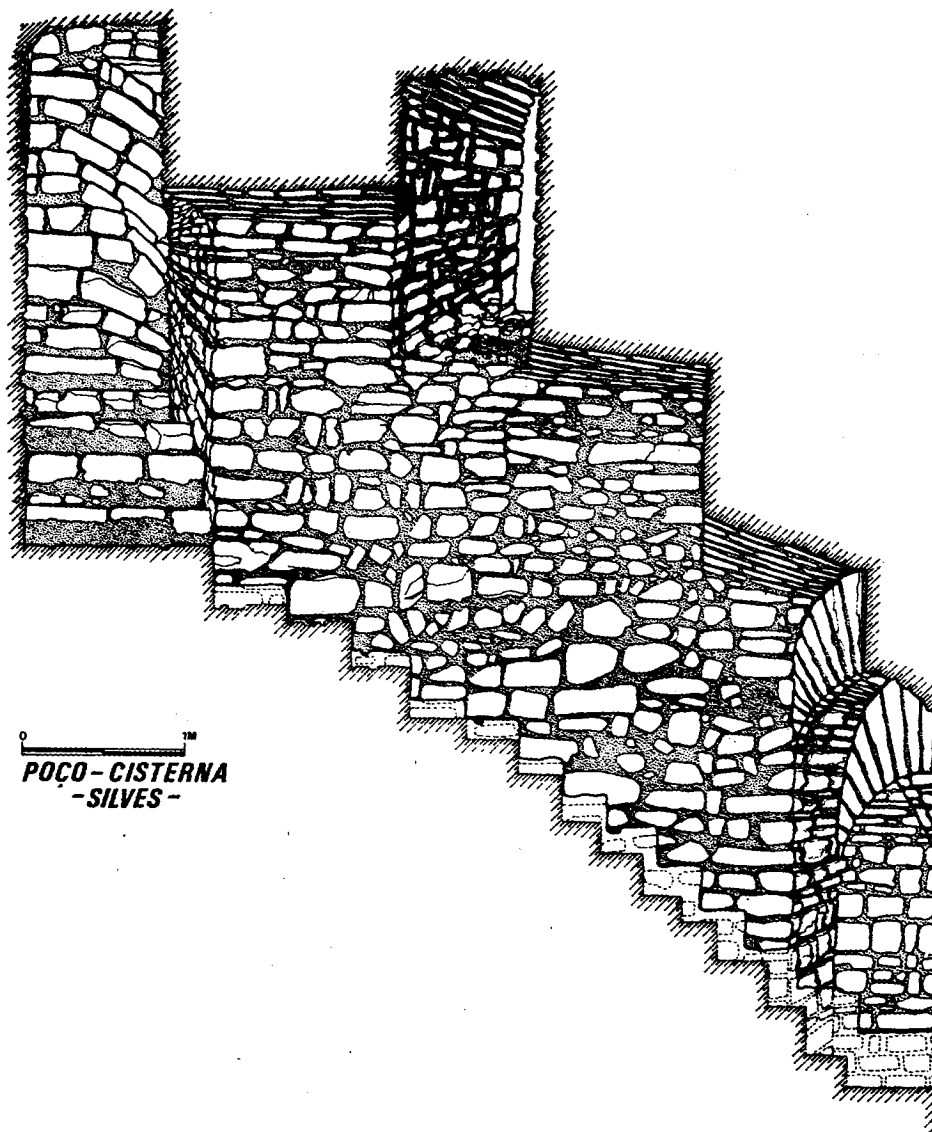




POCO-CISTERNA
-SILVES-



20-CISTERNA
-SILVES-



0 1M
POÇO - CISTERNA
- SILVES -

